

Denílson Botelho

A República na biblioteca de Lima Barreto: livros, leituras e idéias

Prof. Adjunto de História
do Brasil – UFPI
ahlb@uol.com.br

RESUMO: Este artigo apresenta uma breve análise da biblioteca particular do escritor Lima Barreto sob a perspectiva da história social. Trata-se de uma breve investigação sobre o perfil da formação intelectual e política do literato em questão, tomando por base a relação dos livros que possuía e avaliando o modo pelo qual essa biblioteca pode explicar o seu engajamento e a sua militância ao longo da Primeira República. Trata-se de lançar um olhar sobre este acervo procurando aquilatar a maneira como o escritor se insere no cenário político e literário republicano, tendo em vista as idéias e os autores dos quais se aproximou.

Palavras-chave: República – Biblioteca – Lima Barreto

ABSTRACT: This article presents a brief analysis of the writer Lima Barreto's private library under a social history perspective. It is a brief search upon his intellectual and political profile, considering his book list and evaluating they way how this library would represent his attitude and political behavior throughout the First Republic. Also it takes a careful look upon his books trying to understand how this writer subscribed himself on the republican literary and political scenery, in the view of the ideas and the writers he most preferred.

Key-words: Republic – Library – Lima Barreto

Enviado em 28 de agosto de 2009
e aprovado em 20 de outubro de
2009.

Em artigo sobre a história da leitura, Robert Darnton teceu a seguinte observação: “um catálogo de uma biblioteca particular pode servir como um perfil do leitor, ainda que não tenhamos lido todos os livros que nos pertencem e tenhamos lido muitos livros que nunca adquirimos”. Portanto, “o estudo das bibliotecas particulares tem a vantagem de unir o ‘o quê’ com o ‘quem’ da leitura” (DARNTON, 1992: 208).

Desta forma, apresentamos aqui uma breve análise de uma biblioteca particular, reveladora do perfil das idéias políticas do leitor e proprietário da mesma. Trata-se na verdade de um inventário que Lima Barreto fez dos livros de sua biblioteca em 1917. Em 1º de setembro desse ano, o escritor resolveu começar a fazer uma lista dos cerca de 700 livros que abrigava no seu quarto da casa onde morava, no subúrbio de Todos os Santos. No caderno que contém o inventário, fez a seguinte anotação logo na primeira folha: “Este livro é destinado a inventariar as obras existentes na minha pequena biblioteca. O catálogo farei depois, por intermédio dele”¹. Certamente não podemos afirmar que Lima Barreto leu todos os livros de sua biblioteca particular, mas podemos supor que eles representam um mapa dos interesses literários do escritor.

Com sua caligrafia nem sempre de fácil leitura, dividiu cada página do caderno em três colunas e foi lançando, metodicamente, na primeira coluna, um número - em seqüência, de 1 a 800 - para cada volume; na segunda coluna, respectivamente, o nome do autor e o título da obra; e na terceira coluna, observações a respeito do volume, como por exemplo, se era encadernado ou brochura. Pelo caderno percebe-se ainda a localização física - ou topográfica - dos livros dispostos nas prateleiras das quatro estantes e duas mesas de trabalho que disputavam espaço com a cama do seu quarto.

A iniciativa realizada apenas cinco anos antes do seu falecimento não deu origem a um catálogo, como anunciara inicialmente. E o inventário, embora metódico, não se revela um primor de organização. Não constam informações preciosas como as notas tipográficas dos livros - local, editora e data da publicação. É freqüente também a indicação do autor apenas através do sobrenome. E a numeração dos livros em seqüência, que de início faz supor que temos 800 títulos na Limana - nome que o escritor atribuiu a sua biblioteca - contém alguns inexplicáveis saltos. Daí que encontremos somente 707 obras no caderno e não 800.

A razão pela qual nos debruçamos sobre o inventário da Limana e não sobre a própria Limana é porque esta não mais existe. Na ocasião do falecimento de Lima Barreto, a biblioteca foi doada pela família do escritor como forma de agradecimento a José Mariano Filho, que custeara as despesas do sepultamento. Mas José Mariano Filho aparentemente não dera tanta importância aos livros que recebera de presente, abandonando-os no porão de sua chácara em Jacarepaguá. Desta forma, traças e cupins encarregaram-se de devorar o precioso acervo (BARRETO, 1956d: 22).

Como observa Tania Bessone, “a preservação de bens culturais tem-se mantido como um problema que não deixou para trás suas limitações. Pelo contrário, aumenta dia-a-dia sua atualidade. Inúmeras bibliotecas se perderam por falta de recursos para mantê-las” (BESSONE, 1999: 176). Ao estudar a biblioteca de Francisco Ramos Paz, um imigrante português que se instalou no Rio de Janeiro no século XIX e tornou-se um

1 Arquivo Lima Barreto. Ref. 883. Biblioteca Nacional. Seção de Manuscritos.

bibliófilo, a autora nos mostra que este acervo teve um destino diferente da Limana e da maioria dos acervos particulares. Graças a Arnaldo Guinle, que arrematou num leilão a biblioteca de Paz - falecido em 1919 - por 75 contos e doou-a a Biblioteca Nacional, seus livros foram preservados.

Guardadas as devidas proporções entre uma e outra biblioteca, visto que o bibliófilo reunira 11 mil volumes em seu acervo, enquanto Lima Barreto cerca de 700 títulos, se compararmos os destinos que ambas tiveram nota-se que os livros de Paz salvaram-se ao serem incorporados ao acervo da Biblioteca Nacional, já a Limana teve fim semelhante a tantas outras:

Os acontecimentos têm mostrado, de forma implacável, que o fim de muitas bibliotecas ocorre de forma amiadada e que a diminuição da prática do mecenato e a crescente ausência do poder público as colocam à mercê de diversas pragas: as físicas, como pragas de insetos, fungos e inundações; e as humanas, com oportunismos de toda sorte. Geralmente, para formá-las, foram necessários muitos anos e tenacidade, mas para desmanchá-las basta um comerciante inescrupuloso ou um herdeiro desavisado (BESSONE, 1999: 176).

A biblioteca de Lima Barreto parece ter sido devorada tanto por pragas físicas quanto humanas, pois a família do escritor não viu naquelas centenas de livros nada além da oportunidade de demonstrar gratidão pelo gesto derradeiro de José Mariano Filho.

Mesmo diante dessas limitações, vemos no inventário da Limana uma oportunidade singular de conhecer melhor ainda o suposto perfil do leitor Lima Barreto. Além de contribuir de alguma forma para os estudos sobre a leitura que vem ganhando espaço na historiografia, certamente estamos contribuindo efetivamente para a compreensão das idéias políticas esposadas por este escritor. Segundo Francisco de Assis Barbosa,

A Limana reflete, contudo, a própria formação intelectual de Lima Barreto. Ali estão os autores prediletos do escritor, a começar por Balzac e a terminar em Descartes, com o *Discours de la Méthode*, que lera ainda na juventude, na sua fugaz incursão pelos domínios do Apostolado Positivista Brasileiro. Lá também estão: Rousseau, Renan, Spencer, Taine, Brunetiere, Guyau, Bouglé, para lembrar tão-somente os mais constantemente citados na obra do improvisado bibliotecário, além dos teóricos ou simples vulgarizadores do socialismo ou do anarquismo, como Benoit-Malon, Hamon, Malato, Eltzbacher, Kropotkine (BARBOSA, 1988: 249).

A idéia de procurar conhecer um pouco mais sobre a formação intelectual de um indivíduo através da sua biblioteca particular está sugerida no trecho acima, extraído da biografia do escritor, e não é original - embora até aqui a Limana não tenha sido objeto de qualquer estudo. Foi a leitura do ensaio de Eduardo Frieiro sobre a biblioteca do Cônego Luís Vieira da Silva (FRIEIRO, 1981), um dos integrantes do movimento que ficou conhecido como a Inconfidência Mineira, que instigou-nos bastante a olhar para a Limana com mais atenção. Com o sugestivo título de *O Diabo na Livraria do Cônego*, Frieiro dese-

nha um perfil da personalidade do inconfidente que acumulara cerca de 270 obras num tempo em que havia certas restrições quanto à posse de determinados livros no Brasil. Naturalmente, o autor serviu-se também de outras fontes, entre elas os *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira*, publicados pela Biblioteca Nacional.

Sobre a biblioteca de Machado de Assis também já escreveu Jean-Michel Massa (MASSA, 1961). Sua análise pauta-se na seleção dos títulos de acordo com o país de origem das obras, contendo uma classificação do conteúdo da biblioteca segundo esse critério. Este artigo levou-nos a pensar sobre a forma mais adequada de analisar a Limana. No mesmo século XIX de Machado de Assis, um manual de orientação para livreiros, organizado por Brunet (BESSONE, 1999: 179), propunha algumas categorias como forma de catalogar os livros de acordo com os assuntos. Tais categorias surgiram como resultado da rotina empregada na catalogação de bibliotecas européias e de algumas bibliotecas do Rio de Janeiro. Segundo Bessone, que adotou o “método” de Brunet para algumas bibliotecas que analisou, a classificação dos livros os dividiria entre os seguintes assuntos: Teologia, Jurisprudência, Ciências e Artes, Belas-Letras e História. A autora acrescentou ainda uma categoria de “Periódicos” e registrou também aqueles casos em que não foi possível definir o assunto como “Não identificados”.

No caso da Limana, optamos por investir o máximo possível no que o seu inventário pode nos oferecer, sem contudo recorrer a Brunet como fez Bessone. Vejamos então o que aquela biblioteca de Todos os Santos tem a nos dizer por si mesma.

Inicialmente convém tecer algumas considerações sobre os idiomas dos livros que Lima Barreto acumulara. Observando o universo de 707 títulos listados no inventário, concluímos que trata-se de uma biblioteca predominantemente francesa, pois 423 títulos estão em francês. Seguem-se o português, com 225 títulos, o italiano, com 23, o espanhol, com 10 e o inglês com 9.

O fato de mais da metade da Limana constituir-se de livros em francês também pode ser explicado pela forte influência francesa que paira sobre o Rio de Janeiro do início do século XX. Afinal, Pereira Passos não foi o nosso *Hausman* tropical – numa clara alusão ao prefeito parisiense? E não coube ao nosso *Hausman* abrir os novos *boulevards* com os quais se pretendia modernizar a cidade colonial? Não surpreende, portanto, que tal influência se fizesse presente também no ramo livreiro, em que se destacava um *Garnier* e sua célebre livraria no centro do Rio de Janeiro.

Assim, nota-se que Lima Barreto lia comumente publicações em francês e consta até que falecera abraçado a um exemplar dentre os inúmeros que adquirira da *Revue des Deux Mondes* (BARBOSA, 1988, 275). Somados os livros em francês (423) e em português (225) temos um perfil dos idiomas predominantes na Limana.

O tema mais recorrente entre os seus livros é, como se poderia esperar, a literatura – com 178 títulos entre os 707 listados. São romances de toda ordem, clássicos da literatura universal – principalmente a francesa – e textos sobre literatura, como crítica e história da literatura.

Entre os autores brasileiros no campo da literatura, aquele que se faz presente com mais títulos é Machado de Assis (1839-1908), com três romances: *Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Esau e Jacó*. A presença dos romances de Machado nas estantes dessa biblioteca confirma o que Sérgio Buarque de Holanda comentou sobre as impressões que teve de Lima Barreto ao conhecê-lo em 1922, mesmo ano em que viria a falecer.

Holanda, que exerceu a crítica literária durante as primeiras décadas de sua atividade intelectual, observou certo despreço de Lima Barreto pela obra de Machado de Assis, que julgava inferior à de Aluísio de Azevedo.

É muito possível que entrasse em tais manifestações menos uma convicção firmada do que o ressentimento de quem, zeloso ao extremo da própria originalidade, não tolerava de bom grado as filiações literárias que esboçava a crítica do tempo. Não é talvez descabido, a esse respeito, notar que num inventário dos livros da biblioteca de Lima Barreto, organizado em 1917 [...] não consta nenhum livro de Aluísio Azevedo, ao passo que lá estão as obras mais conhecidas de Machado (HOLANDA, 1978: 134).

E de fato o que se verifica é a ausência de Aluísio de Azevedo, embora seja sempre importante lembrar que o inventário da Limana não é uma lista dos livros que o escritor leu, mas apenas dos livros que possuía. Portanto, não é possível confirmar tal juízo de valor pela simples ausência de Azevedo na sua biblioteca, já que Lima Barreto bem poderia ter manifestado semelhante parecer com base em leituras feitas em bibliotecas públicas ou em livros emprestados.

Além disso, investigando um outro conjunto de fontes constituído pela crítica literária exercida por Lima Barreto, verifica-se que as suas convicções a respeito de Machado são bem diversas de um suposto ressentimento, tal como Holanda havia sugerido. Esse conjunto de artigos de crítica está em grande parte reunido no volume *Impressões de Leitura* (BARRETO, 1956b) e foi publicado inicialmente em jornais e revistas do Rio de Janeiro como: *Revista Contemporânea* (1918-1919), *Careta* (1920-1922), *A.B.C.* (1918-1922), *Gazeta de Notícias* (1920-1921) e outros.

Em artigo para a *Revista Contemporânea*, de 10 de maio de 1919, o livro em questão é de autoria de Nestor Vítor com o título de *A Crítica de Ontem*, publicado por Leite Ribeiro & Maurillo neste mesmo ano. Após reproduzir alguns trechos da obra, com os quais Lima Barreto parece concordar, destaca o que seria um dos seus pontos altos:

Este estudo, que tem toda a atualidade, dá bem a medida da capacidade de crítica do Senhor Nestor Vítor, da sua aguda visão intelectual, da sua independência de julgar; e o seu paralelo entre Machado de Assis e José de Alencar, é profundo, exato, verdadeiro, embora executado em ligeiras proposições.

Pela primeira vez, li alguma cousa sobre Machado de Assis, em que não se falasse profundamente, transcendentemente sobre o humorismo, sobre os autores ingleses, etc, etc.

Nós todos temos a mania de procurar sempre a verdade muito longe. O caso de Machado de Assis é um deles. Ele e a sua vida, o seu nascimento humilde, a sua falta de títulos, a sua situação de homem de cor, o seu acanhamento, a sua timidez, o conflito e a justaposição de todas essas determinantes condições de meio e de indivíduo, na sua grande inteligência geraram os disfarces, estranhezas e singularidades do Brás Cubas, sob a atenta vigilância do autor sobre ele mesmo e a sua obra.

Penso que um estudo nessa direção explicaria melhor Machado de Assis, do que todos os Lambs, Swifts, Thackerays e outros autores da Grã-Bretanha, Escócia, Irlanda e ilhas adjacentes. Para fazê-lo, preciso é franqueza, além de não esquecer os seus primeiros livros; e o Senhor Nestor Vítor tem aquela qualidade de sobra e é de boa memória. (BARRETO, 1956b: 250-1)

Não se percebe ressentimento em relação a Machado nas palavras de Lima Barreto. Nota-se sua preocupação em indicar o melhor caminho para explicar o autor de *Brás Cubas*, que é analisar as determinantes ou as condições do meio e da própria trajetória individual do escritor que fizeram surgir a sua obra. Determinantes essas que, curiosamente se assemelham àquelas que nortearam também a obra de Lima Barreto: nascimento humilde, falta de títulos, a cor, o acanhamento e a timidez.

Fica implícito nesse artigo que não há um questionamento quanto ao valor ou importância da obra de Machado de Assis, mas sim o reconhecimento da sua relevância para a literatura brasileira. Tanto é que a discussão gira em torno da forma mais conveniente de se explicar o significado da sua obra, que enseja a rejeição de métodos baseados em teóricos estrangeiros e a defesa do estudo da trajetória e das condições de vida do escritor.

Além de Machado, podemos destacar alguns outros literatos que aparecem na *Limana* e, coincidentemente, fazem parte do que Roberto Ventura chamou de “geração de 1870” (VENTURA, 1991), como José Veríssimo, Sílvio Romero e Araripe Júnior. São autores que chegaram ao auge da sua produção durante o turbulento período de transição entre a escravidão e o trabalho livre, a monarquia e a república, e que se caracterizaram pelas intensas polêmicas literárias travadas através da imprensa.

De José Veríssimo (1857-1916), o crítico literário que descobriu a *Floreal* de Lima Barreto em 1907 (BOTELHO, 2004), constam algumas obras na *Limana*. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, dirigiu a *Revista Brasileira* da qual haviam 16 volumes encadernados na biblioteca do escritor. Além disso, lá também estavam *Estudos de literatura* e *Que é a literatura*, do mesmo autor.

De Araripe Júnior (1848-1911), também membro fundador da ABL existiam dois textos dos menos conhecidos que são na verdade estudos sobre José de Alencar e Gregório de Matos. Não manteve relações pessoais com Lima Barreto, mas acusou o recebimento de *Recordações do escrivanõ Isaías Caminha* que lhe foi enviado por ocasião do lançamento. Se não chegou a publicar nenhuma crítica a respeito do volume, dando-lhe a divulgação que o autor certamente almejava, pelo menos enviou-lhe um cartão agradecendo pelo “belo livro” que “leu com o mais vivo prazer, devendo dizer-lhe que esse romance contém páginas muito intensas, principalmente na parte referente à psicologia da redação de um jornal, como é o Globo, onde se retratam as misérias do ofício da imprensa”(BARRETO, 1956a: 201). Pelo visto, o romance lhe agradara, mas não a ponto de tornar públicas tais impressões.

Desse grupo, Sílvio Romero (1851-1914) foi certamente o polemista mais exacerbado. Dele, Lima Barreto possuía apenas sua *História da Literatura Brasileira*, publicada inicialmente em 1888 e com 2ª edição em 1902-1903.

Dentre os demais autores nacionais ligados à literatura que poderíamos mencionar, cabe ainda destacar Monteiro Lobato (1882-1948). O editor de *Vida e Morte de M. J. Gon-*

zaga de Sá, publicado em 1919, e autor de *Urupês* e *Negrinha* teve esses dois livros – que constavam na biblioteca de Lima Barreto - analisados em artigo intitulado “A Obra do criador de Jeca-Tatu”, que veio a público pela *Gazeta de Notícias* de 11 de maio de 1921.

É evidente a admiração que o escritor nutria por Lobato, embora dele tenha divergido respeitosa quanto aos problemas da vida no campo tratados no *Problema Vital*. Enquanto Lobato defendia a urgência do saneamento, Lima Barreto preconizava que o nosso problema vital era o latifúndio, para o qual apontava sua artilharia verbal.² Mas no artigo acima referido, “o criador de Jeca-Tatu é um caso muito curioso nas nossas letras. Tendo uma forte capacidade de trabalho propriamente literário, ele é ainda por cima um administrador excelente, um editor avisado, um ativo diretor de uma revista sem igual no Brasil de hoje” (BARRETO, 1956b: 107-11).

A *Revista do Brasil*, editada por Monteiro Lobato, recebe entusiasmados elogios de quem conhece as dificuldades da imprensa da época e já se aventurara a ter sua própria revista que malograra no quarto número.

Em 1918, Lobato já tentara trazer Lima Barreto para o grupo de colaboradores da sua revista. Do convite resultaria a publicação de *Gonzaga de Sá*, e já se notava naquela época que a admiração nesse caso era mútua. Lobato citava as principais qualidades que reconhecia no literato, procurando seduzi-lo a participar da sua publicação:

Prezadíssimo Lima Barreto,

A *Revista do Brasil* deseja ardentemente vê-lo entre os seus colaboradores. Ninho de medalhões e perobas, ela clama por gente interessante, que dê coisas que caiam no gosto do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõe-zinhas de *toilette* gramatical que inutiliza metade de nossos autores. Queremos contos, romances, o diabo, mas à moda do *Polícarpo Quaresma*, da *Bruzundanga*, etc. A confraria é pobre, mas paga, por isso não há razão para Lima Barreto deixar de acudir ao nosso apelo. (BARRETO, 1956a: 49)

Detalhe curioso nesta carta é que, provavelmente por ter sugerido que Lima Barreto faria uma espécie de contraponto aos “medalhões e perobas” que já colaboravam na revista, Lobato faz-lhe um pedido ao final da missiva: “PS – Pelo amor de Deus, leia e rasgue isto”. O gesto revela a cumplicidade que se estabelecera entre ambos, permitindo que Lobato lhe segredasse a real impressão que tinha dos “medalhões”? Nesse caso, o editor da *Revista do Brasil* parece ter sido também um bom administrador de egos.

Vejamos então o que a *Limana* tem a nos dizer sobre a concepção de literatura forjada por Lima Barreto. No texto de uma conferência que acabou jamais proferindo e que veio a público pelas páginas da *Revista Sousa Cruz*, o escritor apresenta a seguinte indagação:

Muitas vezes todos vós que me ouvis, haveis de formular intimamente, de vós para vós mesmos, ao topardes, em um jornal ou em uma

2 Este debate pode ser observado em: LOBATO, Monteiro. *O problema vital*. São Paulo: 1919. BARRETO, A. H. de Lima. “O problema vital” in *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

revista, com um soneto ou um artigo, perguntas como estas: para que serve 'isto'? [...] Em que pode a Literatura, ou a Arte contribuir para a felicidade de um povo, de uma nação, da humanidade, enfim? (BARRETO, 1956b: 55-6)

Nota-se que, pela maneira de formular as questões, não existe literatura que não seja engajada para o escritor. A Arte tem que ter uma finalidade, um objetivo, tem que estar a serviço de alguma causa, não pode ser mero diletantismo ou servir apenas para tornar a vida mais bela e engraçada ou menos enfadonha. “São perguntas naturais e espontâneas que não há um homem que as não tenha feito no seu foro íntimo e que eu mesmo as fiz, quando, há cerca de vinte anos, me pus juvenilmente a escrever para o público, em revistas e jornalecos [...]” (BARRETO, 1956: 56). Assim sendo, para responder a tais questões, são citados os principais referenciais teóricos que influenciaram o seu conceito de arte e literatura. Lá figuram Tolstói, Taine, Brunetiere e Guyau – autores presentes nas prateleiras da Limana.

Assim, na concepção de literatura almejada pelo escritor, a importância da obra literária não está nos “atributos externos de perfeição de forma, de estilo, de correção gramatical, de ritmo vocabular, de jogo e equilíbrio das partes em vista de um fim” (BARRETO, 1956b: 58-9), mas sim na sua capacidade de transmitir habilmente uma idéia, um pensamento ou um sentimento. É assim que o literato resume o sentido que pretendeu imprimir a sua obra:

[...] A arte literária se apresenta com um verdadeiro poder de contágio que a faz facilmente passar de simples capricho individual, para traço de união, em força de ligação entre os homens, sendo capaz, portanto, de concorrer para o estabelecimento de uma harmonia entre eles, orientada para um ideal imenso em que se soldem as almas, aparentemente mais diferentes, reveladas, porém, por ela, como semelhantes no sofrimento da imensa dor de serem humanos.

É por aí, segundo a minha humilde opinião, que devemos orientar a nossa atividade literária, e não nos ideais arcaicos e mortos. (BARRETO, 1956b: 62)

O que estaria por trás desse ideal de literatura cuja missão é disseminar a união, a ligação ou a solidariedade entre os homens capaz de soldar as almas “aparentemente mais diferentes”? Mais do que os livros que leu e colecionou ao longo da vida, o que talvez se revele em tal concepção é a herança das relações paternalistas vigentes na sociedade escravista do século XIX. Aos olhos de Lima Barreto, o regime republicano fora incapaz de resolver as desigualdades sociais resultantes de três séculos de escravidão. E, além disso, pôs fim ao paternalismo que, embora se sustentasse pela força, também permitira que um mulato como ele, neto de uma escrava, tivesse como padrinho de batismo o Visconde de Ouro Preto, que mais tarde custearia os seus estudos.

Tendo em vista que, com a República, instalara-se uma nova ética e escala de valores em que se destaca o arrivismo, a concepção de literatura do escritor parece impregnada de um certo saudosismo dessa pseudo-solidariedade ou falsa união que deu sustentação

à sociedade escravista que sucumbiu em 1888. Podemos supor que Lima Barreto considerava que na monarquia as desigualdades sociais eram evidentes, mas existiam laços de solidariedade entre senhores e escravos. Com a República, agravaram-se as desigualdades e a solidariedade desapareceu.

Essa concepção de literatura como forma de intervenção na realidade deve ser compreendida à luz de algumas idéias políticas das quais o escritor se aproximou (BOTELHO, 2007). A Limana pode ser vista como um testemunho desta aproximação.

A reconstrução da trajetória intelectual de Lima Barreto passa pela sua concepção de literatura, pelo positivismo e tem o seu ponto alto nos seus “namoros” com as idéias anarquistas e socialistas. Nesse sentido, a Limana pode contribuir significativamente para a compreensão da militância político-literária do escritor. São pelo menos quatro os autores anarquistas que fizeram parte da sua biblioteca particular: Kropotkine, C. Malato, Hamon e Paulo Eltzbacher.

Segundo Claudio Batalha, o anarquismo começa a se difundir no Brasil a partir de 1890, através de grupos de propaganda e de periódicos, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Entre os teóricos de maior influência sobre o país está justamente o russo Kropotkine (1842-1921), um dos representantes da corrente anarco-comunista que dominou o anarquismo internacional a partir de 1880. (BATALHA, 2000: 23)

Podemos acrescentar ainda mais duas obras da Limana relacionadas ao socialismo: *Le Socialisme Utopique*, de Lichtenberger e *Le Socialisme Intégral*, de Benoit-Malon. O socialismo difundido no Brasil entre o final do século XIX e o início do XX tem como características predominantes o ecletismo e o forte viés cientificista e positivista que conduziam a uma proposta de fundo reformista. Ainda segundo Batalha, “Benoît Malon representa, sem dúvida, a principal fonte de influência do socialismo europeu entre os grupos socialistas brasileiros desse período” (BATALHA, 1995, 22). É interessante observar as linhas gerais dessa proposta socialista que circulou pelo Brasil e provavelmente foi lida por Lima Barreto nesse momento:

O socialismo integral de Malon sintetiza as suas concepções de um socialismo fortemente influenciado pelo positivismo e pela tradição humanista francesa, que pretende englobar não apenas a luta política e econômica, mas todos os campos da atividade humana, como a ciência, a filosofia e a moral. Nessa obra, o autor vê duas vias para a ação dos socialistas: a via revolucionária e a via das reformas possíveis.

A primeira só seria possível em certos momentos de crise, raros na história dos povos, e as tentativas intempestivas poderiam piorar dolorosamente o presente e comprometer gravemente o futuro (a experiência da Comuna de Paris está na raiz dessa análise).

Já a segunda via poderia ser trilhada em qualquer momento, o que o leva a concluir: ‘sejamos revolucionários quando as circunstâncias o exigirem e reformistas sempre’. (BATALHA, 1995: 23)

Se voltarmos aos artigos de Lima Barreto sobre o maximalismo, publicados no período da Revolução Russa e das greves operárias de 1917 e 1918 no Rio de Janeiro e em São Paulo, podemos supor que há naqueles textos alguma influência que os aproxima da máxima professada por Malon: “sejamos revolucionários quando as circunstâncias o

exigirem e reformistas sempre”. Não seria de todo absurdo enxergar nos seus artigos a influência de Malon. Em “No ajuste de contas”, por exemplo, que ficou conhecido como “manifesto maximalista”, formula quatro propostas para uma “reforma social” no Brasil:

a) a supressão da dívida interna, isto é, cessar de vez, o pagamento de juros de apólices, com o qual gastamos anualmente cerca de cinquenta mil contos; b) confiscação dos bens das ordens religiosas, sobretudo as militantes; c) extinção do direito de testar; as fortunas, por morte dos seus detentores, voltavam para a comunhão; d) estabelecimento do divórcio completo (os juristas têm um nome latino para isto) e sumário, mesmo que um dos cônjuges alegasse amor por terceiro ou terceira. (BARRETO, 1956c: 162)

O próprio Lima Barreto informa que tais medidas foram inspiradas nas informações que reunira sobre a Revolução Russa. E complementa:

A muitos leitores parecerão absurdas essas idéias; não pretendo convencer desde já todos, espero que o tempo e o raciocínio irão despertar neles simpatia por elas e a convicção de sua utilidade social. Apelo para todos aqueles que não têm a superstição da lei, dos códigos, [...]; quanto a tais chacais e hienas a serviço dos burgueses, eu tomo a liberdade de dizer-lhes que, tarde ou cedo, sem eles ou com eles, há de se fazer uma reforma social contra o ‘Direito’ de que são sacerdotes, pois o seu deus já está morto no coração da massa humana e só falta enterrá-lo [...]. (BARRETO, 1956c: 95-6).

E ainda encerra o artigo avisando: “Iremos, porém, devagar e por partes; e, logo acabada esta guerra que é o maior crime da humanidade, [...] nós, os brasileiros, devemos iniciar a nossa Revolução Social, com essas quatro medidas que expus. Será a primeira parte; as outras, depois” (BARRETO, 1956c: 96). Aí aparecem claramente propostas de caráter reformista e a ameaça revolucionária condicionada pelas circunstâncias - neste caso, a Grande Guerra.

Portanto, essa breve “visita” ao inventário dos livros que compunham a Limana coloca-nos diante de autores que possivelmente foram lidos por Lima Barreto, e que podem nos revelar um pouco mais sobre a sua militância político-literária, como é o caso de Benoit-Malon. Se não revelam, pelo menos reafirmam algumas impressões que temos sobre o universo das idéias políticas no qual se move o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Reafirmam o perfil eclético e impreciso do anarquismo e do socialismo professado pelo escritor. Eclétismo que, de tão impreciso, talvez até mesmo confuso, levam-no a afirmar, vez por outra, uma suposta independência e autonomia política.

Mas o fato é que Lima Barreto militou sim na defesa de idéias anarquistas e socialistas, ainda que ele próprio não tivesse clareza absoluta sobre o teor dessas doutrinas, misturando concepções ora de uma corrente de pensamento, ora de outra – como, aliás, procediam até mesmo as lideranças do movimento operário e sindical nesse momento. Trata-se de uma militância que restringiu-se efetivamente ao mundo das letras, posto que

jamais foi visto cerrando fileiras com os operários em greve, nas ruas, diante da polícia. O que tinha a oferecer aos operários era a sua palavra.

Do recôndito da sua casa em Todos os Santos, a sua “Vila Quilombo” no “refúgio dos infelizes” - como chamava o subúrbio do Rio daqueles tempos -, resgatamos para estas páginas um pouco sobre as práticas de leitura e as idéias de Lima Barreto.

Sobre este escritor já se produziram as mais variadas sentenças, desde aquelas que o julgaram um monarquista e liberal, até um anarquista subversivo. Além de saber como se construiu a sua pregação anarquista e socialista, o seu processo de se fazer escritor e os debates políticos em que se envolveu, impõe-se o desafio de investigar os livros que possivelmente leu e colecionou.

Bibliografia:

BARATIN, Marc e JACOB, Christian (dir.). *O poder das bibliotecas; a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

BARRETO, A. H. de Lima. *Correspondência*. São Paulo: Brasiliense, 1956a.

_____. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956b.

_____. *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956c.

_____. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1956d.

BATALHA, Claudio H. M. “A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX” in *História do Marxismo no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. Volume II.

_____. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BESSONE, Tania Maria. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

BOTELHO, Denílson. *A pátria que quisera ter era um mito; o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2002. (Coleção Biblioteca Carioca, v. 44)

_____. “Sob o signo da Floreal; uma perspectiva histórica da iniciação literária de Lima Barreto”. *Itinerários* – UNESP. Araraquara – SP, v. 22, 2004.

- _____. “Rasgar a rede à faca: a militância política de Lima Barreto na imprensa”. *Revista Universidade Rural – Série Ciências Humanas*. Seropédica – RJ, v. 29, p. 39-54, 2007.
- DARNTON, Robert. “História da Leitura” in BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp. 1992.
- FRIEIRO, Eduardo. *O Diabo na Livraria do Cônego*. São Paulo: Editora Itatiaia / Editora da Universidade de São Paulo, 1981.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Em torno de Lima Barreto” in *Cobra de vidro*. São Paulo: Perspectiva, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.
- LOBATO, Monteiro. *O problema vital*. São Paulo: s. ed., 1919.
- MASSA, Jean-Michel. “La Bibliothèque de Machado de Assis” in *Revista do Livro - Órgão do Instituto Nacional do Livro / MEC*. Rio de Janeiro: Ano VI, n. 21-22, março-junho 1961, pp. 195-238.
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical, história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.